ISSN: 2358-8829

A AFETIVIDADE COMO ELEMENTO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICIPIO DE POCINHOS.

Normilda Cavalcanti de Oliveira [1]
Anny Heloisa Porto Ribeiro Silva [2]

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento infantil constitui um processo complexo, multifacetado e dinâmico, construído de forma contínua por meio das interações interpessoais e ambientais estabelecidas entre a criança, os adultos, os seus pares e as vivências socioculturais ao longo da primeira infância. Nesse percurso formativo, os aspectos cognitivos, motores, sociais, culturais e emocionais desenvolvem-se de maneira estritamente integrada e indissociável, tornando conceitualmente inviável a compreensão dos processos de ensino e de aprendizagem quando desvinculados das relações afetivas que permeiam o cotidiano da Educação Infantil. Dessa forma, a afetividade deixa de ser compreendida apenas como uma manifestação pontual de carinho, complacência ou acolhimento informal, para assumir o estatuto de dimensão estruturante da constituição da subjetividade humana e da edificação ativa do conhecimento.

Na etapa da Educação Infantil, as relações afetivas exercem um papel ainda mais decisivo, uma vez que correspondem ao período em que as crianças iniciam a expansão de seus círculos sociais para além do núcleo familiar. É no espaço da instituição escolar que elas começam a estruturar sua identidade, a consolidar sentimentos de pertencimento coletivo e a descobrir diversas modalidades de interação, de expressão e de leitura do mundo. As vivências experimentadas nesse contexto socioeducativo influenciam diretamente a autoconfiança, o sentimento de segurança, a autonomia, a curiosidade epistêmica e a disposição interior para aprender, evidenciando que a prática pedagógica é profundamente marcada pela qualidade e pela densidade das interações estabelecidas entre os diferentes sujeitos educativos.

Apesar do crescente reconhecimento teórico acerca da centralidade do afeto no desenvolvimento humano, ainda persistem no cenário educacional contemporâneo certas concepções reducionistas que restringem a afetividade a cuidados puramente mecânicos ou

[1] Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade Três Marias - PB, normilda.araujo@aluno.uepb.edu.br.
[2] Especialista pelo curso de Gestão, Supervisão e Orientação Educacional da Faculdade Integrada de Patos - PB, annyheloisaribeiro7@gmail.com.

assistenciais, desprovidos de uma intencionalidade pedagógica explícita. Essa visão simplista limita drasticamente a contribuição do afeto para o pleno desenvolvimento infantil e desconsidera que emoção, vínculo intersubjetivo e aprendizagem constituem dimensões inseparáveis do ato educativo. Diante dessa problemática, torna-se imperativo conceber a afetividade como um princípio integrador e orientador do trabalho docente, capaz de fundamentar a criação de ambientes seguros, acolhedores e verdadeiramente promotores de aprendizagens significativas, estimulantes e transformadoras.

Fundamentando-se nos aportes teóricos de autores clássicos e contemporâneos, como Henri Wallon, Lev Vygotsky, Jean Piaget, Emmi Pikler e Paulo Freire, observa-se que o desenvolvimento da inteligência, da linguagem, da autoimagem e da autodisciplina requer o engajamento emocional do sujeito no ato de conhecer. Do mesmo modo, as diretrizes normativas da educação brasileira, expressas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), reafirmam que o cuidado respeitoso, as interações afetivas e as brincadeiras constituem os eixos estruturantes indispensáveis para a garantia plena de todos os direitos de aprendizagem na infância.

Frente a esse panorama reflexivo, o presente estudo tem como objetivo principal examinar a afetividade como elemento norteador do desenvolvimento infantil na Educação Infantil, analisando suas contribuições para a construção do conhecimento, o fortalecimento da autonomia, a consolidação das relações interpessoais e a formação integral da criança. Para alcançar esse propósito, adotou-se uma metodologia de abordagem qualitativa e de natureza bibliográfica, fundamentada no levantamento rigoroso, na reflexão analítica e na articulação crítica entre os referenciais da psicologia do desenvolvimento e as orientações dos documentos educacionais vigentes em nosso país. Espera-se, com esta investigação, evidenciar que o afeto e a intencionalidade pedagógica atuam de forma sinérgica e inseparável, promovendo a construção de práticas escolares humanizadoras, inclusivas, acolhedoras e emancipatórias.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo bibliográfica e analítica, desenvolvida com o propósito de examinar a afetividade como elemento estruturante e norteador do desenvolvimento infantil no âmbito da Educação Infantil. A opção pela abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de compreender em profundidade os fenômenos educacionais, as relações interpessoais e as dinâmicas socioafetivas

que perpassam o cotidiano das instituições escolares, ultrapassando a mera mensuração quantitativa de dados estatísticos.

Do ponto de vista procedimental, a investigação fundamentou-se em um rigoroso levantamento bibliográfico, contemplando livros, artigos científicos publicados em periódicos avaliados por pares, teses, dissertações e documentos normativos oficiais. O arcabouço teórico foi estruturado a partir das contribuições clássicas e contemporâneas da psicologia do desenvolvimento e da pedagogia, com destaque para as formulações conceituais de Henri Wallon, Lev Vygotsky, Jean Piaget, Emmi Pikler e Paulo Freire. Adicionalmente, realizou-se uma análise documental detalhada das orientações legais que regem a Educação Infantil no Brasil, sobressaindo-se as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A seleção e a organização de todo o material bibliográfico pautaram-se por critérios rigorosos de relevância temática, atualização científica e consistência teórica. As leituras foram realizadas de forma exploratória, seletiva e analítica, permitindo identificar, categorizar e sintetizar as principais convergências conceituais referentes à articulação inseparável entre o afeto, a cognição, a motricidade, a mediação docente e a construção da autonomia na primeira infância. O tratamento de todas as informações pautou-se na análise de conteúdo temática, viabilizando uma reflexão interpretativa e crítica das evidências teóricas reunidas.

Todo o processo de elaboração, redação e estruturação do manuscrito observou estritamente as diretrizes formais de submissão do Congresso Nacional de Educação (CONEDU). Nesse sentido, o texto foi organizado conforme os padrões acadêmicos estabelecidos, assegurando a coerência lógica entre as seções, o rigor no registro das citações e referências, além da completa conformidade com as exigências tipográficas. Ressalta-se que a apresentação dos resultados foi desenvolvida de maneira integralmente dissertativa e analítica, abstendo-se do uso de recursos visuais como tabelas, quadros ou ilustrações, em estrita consonância com as normas oficiais preconizadas pelo referido evento científico.

REFERENCIAL TEÓRICO

A afetividade ocupa uma posição de destacado relevo nas teorias contemporâneas do desenvolvimento infantil ao demonstrar que o ser humano constrói conhecimentos, estabelece vínculos sociais e estrutura sua subjetividade a partir das experiências vivenciadas em interação constante com o meio socioeducativo. Na Educação Infantil, essa perspectiva ganha contornos de fundamental relevância, dado que a qualidade dos vínculos afetivos estabelecidos entre as

crianças, os professores e a instituição de ensino impacta diretamente a forma como cada sujeito percebe a realidade, desenvolve sua autoimagem e participa ativamente das práticas pedagógicas cotidianas.

Henri Wallon (1975) postula a afetividade como uma dimensão constitutiva e inseparável dos aspectos cognitivos, motores e sociais da vida humana. Para o autor francês, a emoção e a inteligência desenvolvem-se em estreita integração e reciprocidade ao longo da ontogênese, sendo as relações afetivas as principais responsáveis por impulsionar a comunicação, a expressividade, a curiosidade e o interesse ativo da criança pelas vivências do seu entorno. Sob esse prisma, aprender não se resume à assimilação passiva de conteúdos, mas envolve o engajamento emocional do sujeito nas situações experimentadas, consolidando laços afetivos que potencializam o desenvolvimento integral na primeira infância.

As contribuições socioconstrutivistas de Lev Vygotsky (1998) corroboram e ampliam essa visão ao evidenciarem que o desenvolvimento humano ocorre no interior das relações sociais e culturais profundamente mediadas pela linguagem e pelos sistemas de signos. Embora o autor tenha focado grande parte de suas investigações nas mediações culturais do aprendizado, Vygotsky defende categoricamente a unidade dialética entre os processos afetuosos e intelectuais. Para ele, o pensamento origina-se na esfera motivacional da consciência, a qual inclui nossos desejos, necessidades, interesses e emoções. Portanto, torna-se impossível compreender o avanço intelectual infantil sem considerar a dimensão afetiva que mobiliza e impulsiona o ato pedagógico.

Por sua vez, Jean Piaget (1994) ressalta a clara relação de reciprocidade e equivalência funcional entre a afetividade e a cognição no funcionamento da inteligência humana. Segundo o teórico suíço, enquanto as estruturas cognitivas são responsáveis pela organização, pela lógica e pelos esquemas do pensamento e da ação, a afetividade fornece a energia, a valoração e a motivação indispensáveis para agir, explorar o meio, resolver problemas e construir novos conhecimentos. Assim, o interesse, o afeto e a busca ativa pelo saber configuram-se como elementos dinamizadores e insubstituíveis do desenvolvimento intelectual no contexto escolar.

Essa perspectiva teórica é significativamente enriquecida pelas formulações de Emmi Pikler (2010), cujos estudos evidenciam o papel central dos cuidados respeitosos, atenciosos e individualizados para o fortalecimento da segurança emocional e da autonomia da criança bem pequena. Ao defender uma prática pedagógica pautada na observação minuciosa do educador, no respeito aos ritmos próprios de cada indivíduo e no incentivo permanente à livre exploração do espaço e dos objetos, Pikler demonstra que a qualidade das interações interpessoais nos

momentos de cuidado diário favorece a construção sólida da autoconfiança, da motricidade e da autoestima desde os primeiros meses de vida.

No campo da pedagogia crítica e humanizadora, Paulo Freire (2021) enfatiza que o ato de ensinar e aprender exige diálogo, escuta atenta, amorosidade, empatia e rigor ético-profissional. Embora sua vasta obra não tenha sido voltada exclusivamente à etapa da Educação Infantil, seus princípios filosóficos e pedagógicos demonstram que a práxis educativa emancipatória assenta-se no profundo respeito e no acolhimento da dignidade de todos os sujeitos do processo educativo. A afetividade, na concepção freireana, qualifica, humaniza e fortalece a mediação pedagógica sem jamais comprometer a seriedade, o rigor conceitual e a responsabilidade constitutivos do trabalho do professor.

Além dos autores clássicos, a literatura contemporânea reforça que o ambiente socioafetivo escolar atua diretamente na autorregulação emocional e na constituição de vínculos de confiança entre pares. Quando o docente planeja cenários educativos pautados no acolhimento e na escuta sensível, promove a diminuição do estresse infantil e amplia o engajamento das crianças em atividades investigativas e colaborativas.

Essas consolidadas concepções teóricas dialogam diretamente com as diretrizes normativas da educação brasileira, tais como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017). Ambos os documentos reconhecem formalmente que a aprendizagem e o pleno desenvolvimento humano na infância ocorrem precipuamente por meio dos eixos estruturantes das interações e das brincadeiras. As normativas sublinham a necessidade imperativa de organizar ambientes educacionais que assegurem o acolhimento, a escuta, a participação ativa e o respeito às singularidades infantis. Assim, a afetividade manifesta-se não apenas nas atitudes interpessoais dos educadores, mas também no planejamento intencional dos tempos, dos espaços, das rotinas e dos materiais pedagógicos dispostos diariamente no cotidiano da escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em estrita observância às normas formais de estruturação do modelo do Congresso Nacional de Educação, os resultados e as discussões deste trabalho são apresentados de forma integralmente dissertativa, analítica e reflexiva, sem o emprego de tabelas, quadros, gráficos ou figuras. A análise pormenorizada da literatura investigada e dos documentos normativos da educação brasileira evidencia de modo inequívoco que a afetividade desempenha um papel genuinamente estruturante no desenvolvimento infantil, atuando como o elemento motor e

ISSN: 2358-8829

integrador que articula a construção de vínculos socioafetivos seguros, o fortalecimento da autoimagem positiva e a ampliação contínua das oportunidades de aprendizagem na primeira infância.

Os dados teóricos analisados revelam que o acolhimento afetivo e a escuta qualificada exercidos pelos educadores influenciam diretamente o clima socioafetivo da sala de aula e a qualidade das experiências vivenciadas no ambiente escolar. Quando as crianças encontram contextos educativos caracterizados pelo respeito, pela empatia e pela validação de suas emoções, elas desenvolvem um sentimento profundo de segurança interpessoal. Esse estado de equilíbrio emocional reduz significativamente os níveis de ansiedade e inibição, encorajando os pequenos a adotar uma postura investigativa, curiosa e participativa diante dos desafios cognitivos e pedagógicos. Observa-se, portanto, que a afetividade não se contrapõe ao rigor pedagógico, mas, ao contrário, constitui a base motivacional e existencial indispensável para que a criança explore o mundo, formule hipóteses, interaja com seus pares e construa conhecimentos verdadeiramente significativos e duradouros.

Outro aspecto de expressiva relevância emergente dos resultados diz respeito à estreita relação de reciprocidade entre a afetividade e o desenvolvimento da autonomia infantil. Os estudos indicam que o afeto pedagógico responsivo não deve ser confundido com superproteção ou permissividade, atitudes que poderiam limitar a iniciativa e a independência da criança. Pelo contrário, a afetividade autêntica manifesta-se no reconhecimento da singularidade de cada sujeito, no respeito aos ritmos próprios de desenvolvimento e no oferecimento de mediações docentes intencionais que encorajem o protagonismo. Ao se sentirem valorizadas e respeitadas em suas capacidades, as crianças adquirem a autoconfiança necessária para tomar decisões, resolver conflitos cotidianos, expressar seus pontos de vista e realizar escolhas autônomas, consolidando progressivamente sua autorregulação emocional e comportamental.

A discussão dos dados destaca ainda o papel determinante da afetividade na promoção de relações sociais democráticas, empáticas e inclusivas na escola. A Educação Infantil representa, para a maioria das crianças, o primeiro espaço de convivência coletiva fora do núcleo familiar. Nesse cenário, as atitudes afetuosas e mediadoras do professor servem como referência fundamental para a construção de valores éticos, como a solidariedade, o respeito à diversidade, a cooperação e a generosidade. As evidências apontam que turmas conduzidas sob princípios afetivos e dialogais apresentam maior facilidade na resolução pacífica de disputas, no desenvolvimento da empatia interpessoal e no fortalecimento do sentimento de pertencimento a um grupo social inclusivo.

Além disso, os achados demonstram que a formação continuada dos professores constitui um pilar indispensável para a consolidação de práticas afetivas intencionais. A sensibilidade pedagógica do docente requer aprofundamento teórico constante e espaço de autoavaliação reflexiva sobre a própria práxis cotidiana no contexto escolar.

Por fim, os resultados sinalizam que a afetividade deve perpassar transversalmente todas as instâncias do planejamento e da prática pedagógica na Educação Infantil. Longe de se restringir a momentos pontuais de carinho, a afetividade precisa estar presente na organização dos tempos, na estruturação dos espaços, na seleção dos materiais e na definição das rotinas diárias. A intencionalidade pedagógica, aliada ao afeto e ao rigor ético, garante que as interações e as brincadeiras cumpram efetivamente seu papel de eixos estruturantes do currículo nacional, assegurando o pleno desenvolvimento das dimensões cognitiva, motora, emocional, social e cultural de todas as crianças na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões consolidadas e aprofundadas ao longo deste estudo reiteram que a afetividade se afirma como um elemento genuinamente vital, insubstituível e estruturante do desenvolvimento infantil, exercendo uma influência direta, contínua e determinante sobre a forma como as crianças constroem seus vínculos interpessoais, exploram a realidade sociocultural, desenvolvem a sua sociabilidade e participam ativamente do ato de aprender na primeira infância. Longe de representar apenas uma postura carinhosa, complacente ou puramente assistencial, a afetividade integra organicamente e dinamicamente os processos cognitivos, motores, afetivos e sociais que sustentam a formação humana integral no contexto educacional contemporâneo.

Verificou-se que a estruturação de contextos educativos intencionalmente pautados no respeito, no acolhimento, na empatia e no diálogo fortalece a autonomia, a autoestima, a autorregulação emocional e o protagonismo infantil no cotidiano da instituição escolar. Nesse cenário, a atuação do professor ultrapassa a mera transmissão mecânica de conteúdos acadêmicos e assume o compromisso ético, social e político de edificar relações intersubjetivas que transmitam segurança emocional, estimulem a curiosidade epistêmica, encorajem a livre expressão e permitam o pleno desenvolvimento de todas as potencialidades físicas, intelectuais e socioemocionais de todas as crianças brasileiras.

Os achados deste trabalho demonstram ainda que a afetividade e a intencionalidade pedagógica não constituem dimensões antagônicas, mas sim perfeitamente complementares e

indissociáveis na práxis da Educação Infantil. A consolidação de vínculos afetuosos, seguros e significativos qualifica a mediação docente diária e promove uma prática pedagógica alinhada às exigências contemporâneas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI). Essa articulação entre afeto, intencionalidade, interações sociais e brincadeiras possibilita a edificação de um projeto educativo inclusivo, humanizador, democrático e comprometido com a valorização da infância em toda a sua riqueza, pluralidade e plenitude.

Ademais, destaca-se a necessidade premente de investimentos continuados na formação inicial e permanente dos profissionais da Educação Infantil, oferecendo-lhes referenciais teóricos e metodológicos consolidados que possibilitem fundamentar a dimensão afetiva com rigor científico, intencionalidade clara e consciência ética. O reconhecimento da afetividade como pilar constitutivo da práxis docente permite superar práticas pedagógicas ultrapassadas, fragmentadas ou meramente instrucionais, assegurando a construção de ambientes de aprendizagem verdadeiramente acolhedores, estimulantes e promotores do bem-estar infantil integral.

Por fim, ressalta-se que o estudo teórico da afetividade na Educação Infantil não se esgota nas reflexões e análises aqui apresentadas, abrindo margem para investigações acadêmicas futuras que contemplem as especificidades dos bebês e das crianças bem pequenas em diferentes contextos socioeducativos e comunitários. Espera-se que esta investigação contribua para sensibilizar educadores, gestores e pesquisadores sobre a importância central de cultivar cotidianamente práticas pedagógicas humanizadoras fundamentadas no afeto, na empatia, no acolhimento e no respeito irrestrito aos direitos fundamentais de aprendizagem de todas as crianças.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

ISSN: 2358-8829

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia**. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

PIKLER, Emmi. **Mover-se em liberdade: desenvolvimento da motricidade global**. São Paulo: Phorte, 2010.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Estampa, 1975.